



Homens & Lobos

O lobo visto à lupa

Não se pode trabalhar pela preservação do lobo sem estudar os fatores que determinam o seu comportamento, as suas relações com o habitat e as suas vulnerabilidades. Este trabalho tem vindo a ser levado a cabo por vários biólogos portugueses, com resultados por vezes surpreendentes, que atraem a atenção da comunidade científica internacional.

É disto exemplo o artigo recentemente publicado pela revista "Mammalian Biology" onde surgem os resultados de uma pesquisa que envolveu o seguimento, ao longo de 5 anos, de 11 lobos com dispositivos GPS, pacientes observações visuais e mais de uma centena de sessões de escutas e esperas. O objetivo foi estudar o uso do espaço e a presença nos locais de criação dos lobos-ibéricos do Noroeste de Portugal.

A conclusões indicam que os "nossos" lobos nascem em finais de maio, mais tarde do que noutras partes do mundo. As crias observadas permaneceram entre 24 e 85 dias no local de nascimento e só depois foram levadas para outros locais (em dois casos como consequência de ações humanas). As fêmeas reprodutoras restringiram os seus movimentos a um raio de 2 km em redor das crias. Como resumiu Helena Rio-Maior, primeira autora do estudo, toda a alcateia colabora nos cuidados dispensados aos lobachos: "há comportamentos cooperativos para caçar e cuidar das crias, mais concretamente na obtenção de alimento e na sua proteção a ameaças externas. Todos cooperam para o objetivo último de sobrevivência das crias do ano."

Por outro lado, uma relevante revista científica centrada na conservação da vida

selvagem, a "Animal Conservation", publicou um estudo de investigadores portugueses e espanhóis que mostra como esta espécie ainda tem lugar em paisagens muito humanizadas como a Península Ibérica, apesar da redução no número de populações de lobo no último século.

Pelo menos 55% da Península Ibérica são território com condições para ser habitado pelo lobo-ibérico, mas apenas 21% são ocupados pela espécie, sugerindo que a disponibilidade de habitat não é um limitador para a ocorrência de lobo nesta região. A população tem-se mantido estável nas últimas décadas, sem sinais de expansão para áreas desocupadas com condições favoráveis. "Evitar áreas humanizadas procurando zonas de altitude e próximas de linhas de água parece ser o fator determinante para a ocorrência de lobo na Península Ibérica", referiu o cientista espanhol Pablo Lucas. "A colonização de novas áreas com baixíssima densidade humana pode estar a ser limitada pela mortalidade provocada pelo Homem a sul do rio Douro, quer de forma legal (em algumas regiões de Espanha) quer ilegal em Portugal.", disse Alberto Fernández-Gil, coautor do estudo.

Sem esquecer algo de fundamental: "A cooperação entre Portugal e Espanha é essencial para a proteção efetiva da população de lobo partilhada pelos dois países", como afirmou Clara Grilo, a investigadora portuguesa que liderou o estudo.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.